

COSTA, Iná Camargo. *Nem uma lágrima*. Teatro épico em perspectiva dialética. São Paulo: Expressão Popular/, 2012, 155p.

NEM UMA LÁGRIMA, TAMPOUCO RISO

por Lidiane Soares Rodrigues

Nem uma lágrima. Teatro épico em perspectiva dialética, de Iná Camargo Costa foi lançado, recentemente, pela Expressão Popular. A editora tem publicado, a preços acessíveis, obras indispensáveis aos leitores de autores clássicos e obras de referência numa biblioteca de esquerda. Incluem-se em seu catálogo, historiadores, cientistas sociais e filósofos, abarcando temas como movimentos sociais, revoluções, teoria marxiana e história do marxismo. Em contrapartida, a autora tem se distinguido pela preocupação em pesquisar o teatro no Brasil, desde o início de suas pesquisas, que resultaram em títulos acadêmicos. No mestrado, tratou de *Dias Gomes - um dramaturgo nacional-popular*. No doutorado, do *Teatro épico no Brasil: de força produtiva a artigo de consumo*. Ambos, sob orientação de Otília Fiori Arantes.

Nos últimos anos, a aproximação da autora junto aos jovens grupos de teatro interessados em alternativas ao *business* da arte da representação, concorreu para elaboração de um conjunto de intervenções do mais alto nível e teor contestatório. Algumas delas estão reunidas neste livro. Ele é composto por uma advertência inicial ao leitor, “Por uma crítica dialética” – originalmente, base de uma introdução ao conhecido “Crítica cultural e sociedade”, de Theodor Adorno – e cinco artigos: “Teatro na luta de classes”; “Transições”; “O trabalho da direção”; “Brecht e o teatro épico no Brasil”; “Brecht no cativeiro das forças produtivas”. Na impossibilidade de uma problematização mais densa, limitada pelo escopo apropriado a uma resenha, cabe assinalar o encadeamento e a direção dos textos reunidos, bem como dos agentes envolvidos nesta publicação. Afinal, o materialismo histórico – trilhado pela autora – não deixa incólume o leitor, que fica alerta ao primado das relações sociais, também no âmbito da crítica dialética contemporânea de periferia capitalista.

A advertência ao leitor, avisa-o da posição adotada pela crítica dialética defendida no livro – em relação ao capitalismo – com relação à divisão social do trabalho por ele pressuposta, e, portanto, com relação a si mesma. Nesse sentido, não é indiferente à concepção de que “a profissão de crítico, desde a origem, tem um elemento de usurpação, fundado na divisão do trabalho (...) a ilusão e a autoilusão de competências são intrínsecas ao exercício da profissão” (p. 7), os esforços que se concentram em suas pesquisas, nesta publicação, no diálogo com os

grupos teatrais na cidade de São Paulo. A autora quer fazer a “crítica dialética” que, em suas palavras, “empenha-se em confrontar metodicamente todas as manifestações da propaganda e da censura, em expressão aliança com a arte também dialética” (p. 8), tomando, portanto, distância da ilusão socialmente necessária implícita ao exercício do crítico sem reflexão, “perito na especulação com as artes plásticas”, “juiz no mercado do entretenimento” (p. 7).

Nos artigos seguintes, o leitor é conduzido, primeiramente, a uma espécie de plataforma da perspectiva adotada, para quem pensa as artes e a cultura em geral, e o teatro em particular, na perspectiva materialista. Parece ser este o propósito de “Teatro na luta de classes”; seguido de “Transições”, artigo em que a autora – na trilha de Peter Szondi – reconstitui a crise do drama moderno, passando por Ibsen e Tchekhov, Antoine e Hauptmann, Strindberg, figura central na “redescoberta” do épico como “forma teatral em condições de permitir a encenação daquilo que mais tarde veio a chamar-se ‘dramaturgia do ego’, na qual não se tem mais diálogos, pois não há mais personagens” (p. 75).

De passagem, um dos pontos altos da apresentação de Iná merece destaque: o labirinto infernal de *Senhorita Júlia*, o estudo da “determinação de classe no comportamento tido por masculino” (p. 73), à revelia do próprio Strindberg. Retomando. “Transições” trata também de Georg Kaiser e Ernst Toller, faz o “intermezzo: teatro e política”, introduzindo-nos no quadro histórico de emergência do Teatro de Agitação e Propaganda (agitprop), no qual, enfim, terão vez Piscator e Brecht. Em “O trabalho de direção”, Iná tem por objetivo apresentar “Stanislavski pelo prisma brechtiano” (p. 94). O empenho se justifica, afinal, Brecht foi “o mais consequente discípulo” de Stanislavski e André Antoine, figura que, informa a autora, permanece “apagada” da “história do teatro escrita pelo inimigo” (p. 94). Os dois últimos ensaios – “Brecht e o teatro épico no Brasil” e “Brecht no cativeiro das forças produtivas” – tratam mais diretamente das condições e dificuldades de recepção da dramaturgia brechtiana entre nós, assim como de suas concepções políticas e estéticas.

Cabe, naturalmente, aos leitores julgar, mas o livro traduz o empenho a que aludia, o “exercício da crítica dialética”, e não apenas pelas menções a ela, tampouco pelo conteúdo dos ensaios. Os esforços para realizá-la, parece-me, dizem respeito à morfologia social, diriam uns, ao primado das relações sociais, diriam outros – atenção que fica aguçada pela leitura do livro, mas não só. Explico-me, para finalizar. O lançamento do livro ocorreu em 26 de maio de 2012, e deu início às atividades do “Projeto de Ocupação” do histórico *Teatro de Arena Eugênio Kusnet*, pela Companhia do Latão, conhecido grupo que tem se dedicado à produção de peças de Brecht e à reflexão brechtiana – para o qual Iná é referência destacada. O grupo realizou uma leitura cênica, homenageando Fernando Peixoto, falecido no início desse ano – perda irreparável para o âmbito do teatro e da esquerda. Seguiu-se à leitura, uma apresentação do livro pela própria autora. Pela editora popular, por meio da qual vem à lume, pelos pólos que reúne em seu lançamento – crítica formada no circuito universitário, jovem companhia teatral, movimentos de contestação – em suma, pelo conjunto de forças (ou fraquezas) sociais que cristaliza, o livro é bem-vindo e convida outros a se unirem também.

Recebida em 13 de junho de 2012

Aprovada em 15 de junho de 2012